

# A neurose obsessiva em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar: uma leitura da obra sob a luz da psicanálise

*Obsessive neurosis in Lavoura Arcaica, by Raduan Nassar: a reading of the work under the light of psychoanalysis*

Luciana Talita Mágulas Pereira Rocha  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)  
[lucianatmagulasprocha@aluno.uespi.br](mailto:lucianatmagulasprocha@aluno.uespi.br)  
<https://orcid.org/0009-0003-1500-9163>

José Wanderson Lima Torres  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)  
[josewanderson@ccm.uespi.br](mailto:josewanderson@ccm.uespi.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-2304-0681>

## RESUMO

Este artigo aborda o tema da neurose obsessiva através da articulação entre literatura e psicanálise. Observou-se essa categoria dentro da obra literária *Lavoura Arcaica* (1989), de Raduan Nassar. O enfoque central deste estudo incide sobre a personagem Iohána, pai do narrador da história. Investigou-se como o pai neurótico obsessivo e religioso influenciou a construção da narrativa de André, o filho transgressor, observando também a relação dos rituais da estrutura psíquica com as práticas religiosas, ambos evidenciados em Iohána. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica na obra de Sigmund Freud (1907, 1909, 1913), Jacques Lacan (2005), Joël Dor (1991), Julia Kristeva (2012), entre outros autores da psicanálise e de áreas afins, em busca de textos que tematizam a neurose obsessiva e os conceitos que se articulam com esse tema.

**Palavras-chave:** literatura; psicanálise; neurose obsessiva.

## ABSTRACT

This article addresses the topic of obsessional neurosis through the articulation between literature and psychoanalysis. This category was observed within the literary work *Lavoura Arcaica* (1989), by Raduan Nassar. The central focus of this study is on the character Iohána, father of the narrator of the story. Thus, we investigated how the

obsessive neurotic and religious father influenced the construction of the narrative of André, the transgressive son, also observing the relationship between the rituals of the psychic structure and religious practices, both evidenced in Iohána. To this end, a bibliographical research was carried out in the work of Sigmund Freud (1907, 1909, 1913), Jacques Lacan (2005), Joel Dor (1991), Júlia Kristeva (2012) and other psychoanalytic authors and other related areas, targeting texts that thematize obsessional neurosis and the concepts that are linked to this theme.

**Keywords:** literature; psychoanalysis; obsessive neurosis.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao estudar literatura, observa-se que, em vários momentos, cruzam-se fronteiras com outras áreas de estudo, entre elas a psicanálise. Por apresentar em sua prática acentuada inclinação por usos e manifestações da linguagem, tanto em sentido imaginário quanto no simbólico, a psicanálise colabora significativamente na análise de textos literários, uma vez que a literatura é uma das formas de expressão subjetiva do sujeito no mundo em que está inserido.

A partir das intersecções entre psicanálise e manifestações literárias, pode-se ampliar a reflexão do estudo e da análise de obras, e estabelecer, assim, um diálogo entre literatura e psicanálise de modo que esta enriqueça a leitura daquela, sem que haja o apagamento das nuances e das representações do texto literário. Nesse contexto, o presente trabalho se propôs a estudar a narrativa *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, sob a ótica da psicanálise.

Após a revisão e o levantamento da fortuna crítica da obra em estudo, percebeu-se que, durante os últimos anos, os estudos e as críticas sobre o romance detiveram o olhar no narrador e protagonista André, perpassando os impulsos e a paixão incestuosa do personagem. Nesse sentido, construímos a análise por meio de estudos psicanalíticos sobre a perversão, uma vez que a personagem André apresenta traços estruturais da perversão.<sup>1</sup>

Entre as pesquisas consideradas, Ana Cecília Oliveira Moura (2017), com a dissertação intitulada *A semente do desatino: o germe da transgressão em Lavoura Arcaica*, desenvolveu estudo e análise da obra a partir das concepções de gozo em Jacques

---

<sup>1</sup> Estrutura clínica estudada por Freud (2016), na qual o sujeito sente prazer em transgredir leis e regras impostas a ele.

Lacan e de erotismo em George Bataille, estabelecendo o conceito de transgressão como operador de leitura na relação entre literatura e psicanálise.

Ainda nessa área, Elijames Moraes dos Santos (2021), em sua tese de doutoramento denominada *Corpo, linguagem e transgressão em Lavoura Arcaica*, estudou questões relacionadas ao erotismo dos corpos e às transgressões na e pela linguagem. Para a pesquisadora, há no texto literário um conflito entre o instinto e a razão que gera todo o desenvolvimento da narrativa. Ela concluiu que é por meio do instinto do corpo e seus impulsos que André quebra a normativa estabelecida pelo patriarcalismo e, dessa forma, mostra como o desejo e as paixões sexuais são interditados pela lei externa ao corpo.

A dissertação de mestrado *Sobre avessos e demônios: discurso e perversão em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar*, desenvolvida pela pesquisadora Eugênia Adamy Basso (2019), também analisa a obra em perspectiva psicanalítica. Ao partir do contexto moral presente na família de André e da sustentação dessa moralidade por meio dos discursos e dos sermões do pai, Basso investiga como esses fatores contribuem para a perversão do narrador-personagem. Em seu estudo, a pesquisadora concluiu que o contexto discursivo moral em que as personagens estão inseridas na narrativa colaboram na formação delas como indivíduo.

Ana Beatriz Germano Santos (2014) produziu a dissertação de mestrado *Lavoura Arcaica: interdito, transgressão e erotismo no corpo da linguagem*, em que também relaciona o estudo e a análise do livro com o inconsciente e os processos psíquicos, promovendo o diálogo entre literatura e psicanálise. Ela analisou o desejo incestuoso e transgressor do protagonista, André. Para isso, recorreu às concepções de sujeito do desejo, complexo de Édipo, castração, perversão, horror ao incesto, erotismo, lei do pai. Concluiu, por fim, que o desejo de André também se dá pelo desejo do pai.

Vale ainda destacar trabalhos que perpassaram a temática da neurose obsessiva, como a dissertação de Sabrina Sedlmayer Pinto (1995), *Ao lado esquerdo do pai: os lugares do sujeito em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar*, em que a pesquisadora articula os conceitos psicanalíticos de Lacan sobre o complexo de Édipo, o nome-do-pai e o pai simbólico com a personagem de Iohána, e reconhece o pai como uma entidade simbólica ordenadora de uma função civilizatória.

Outro trabalho, também norteador, é o artigo da psicanalista Maria Elisa França (2016), *A neurose obsessiva e as obras primas únicas*. A autora analisa a figura paterna no livro *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, no filme *Limite*, de Mário Peixoto, e no romance

*Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Ela observou traços da neurose obsessiva e a construção da imagem de um pai opressor, torturador e regente da lei que impera sobre os filhos.

Desse modo, nosso foco de análise não será predominantemente o perverso André, e sim Iohána, pai com traços marcantes da estrutura da neurose obsessiva.<sup>2</sup> Para tal fim, investigaremos a construção da personagem, no caso em estudo, a constituição da personagem do pai, Iohána, e a reverberação da sua estrutura psíquica na narrativa. Assim, esta pesquisa tem como objetivo estudar a construção da personagem do pai a partir do conceito de neurose obsessiva, seus rituais e sua relação com as práticas religiosas teorizadas por Sigmund Freud.

Neste trabalho, construímos uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico. Utilizamos a obra *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, e estudos que colaboram com as questões relacionadas à pesquisa, entre eles textos teóricos de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Joël Dor, Julia Kristeva e outros; bem como artigos, dissertações e teses que abordam a temática. Logo, analisaremos o que os teóricos discutem a respeito da neurose obsessiva, a fim de verificar esse aspecto na narrativa.

Destarte, este artigo amplia a análise da narrativa e contribui com a fortuna crítica de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Ao passo que evidencia a perspectiva de estudo interdisciplinar que promove o diálogo entre a literatura e a psicanálise, torna-se fonte de pesquisa para outros pesquisadores que pretendem perquirir um percurso de investigação com teorias de diferentes áreas.

## CONHECENDO A LAVOURA

O romance *Lavoura Arcaica* (1989), de Raduan Nassar, dialoga com a parábola bíblica do filho pródigo, presente no livro de Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32. Uma vez marcada pela intertextualidade, a análise da obra é ampliada em suas significações resultantes desse cruzamento de textos.

Observa-se, então, o que outrora foi estudado por Julia Kristeva (2012). Para a autora, o texto é dinâmico, uma vez que dialoga com textos exteriores, anteriores ou contemporâneos a ele. Segundo ela, “o texto é, pois, uma produtividade [...] é uma

---

<sup>2</sup> Estrutura clínica estudada por Freud e, posteriormente, por Lacan. A neurose obsessiva é uma de três subdivisões da neurose: neurose obsessiva, histeria e fobia.

permutação de textos, uma intertextualidade: no espaço de um texto, vários enunciados, tomados de outros textos, se cruzam e se neutralizam” (Kristeva, 2012, p. 109).

A relação entre a narrativa contida no texto literário e o título da obra já sugere uma leitura crítica do texto sagrado feita pelo autor e aponta para um elemento paratextual,<sup>3</sup> uma vez que o escritor usa o “lavar (lavoura)” no sentido de plantar, semear, ensinar e, ligado a essa significação, está posto o adjetivo “arcaica”. Nassar (1989), já na apresentação do nome da obra, no exercício de criação, propõe, por meio dos signos linguísticos (as palavras escolhidas para intitular sua criação literária), a própria leitura crítica da parábola bíblica. Acerca dessa relação, Kristeva (2012, p. 176) comenta:

O texto literário insere-se no conjunto dos textos: é uma escritura-réplica (função ou negação) de um outro (de outros) texto(s). Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história, e a sociedade se escreve no texto [...] A linguagem poética surge como um diálogo de textos: toda a sequência se constrói em relação a uma outra, provinda de um outro *corpus*, de modo que toda a sequência está duplamente orientada para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura). O livro remete a outros livros e, pelos modos de intimar (*aplicação*, em termos matemáticos), confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando, assim, sua própria significação.

É importante ressaltar que a divisão do livro está constituída em duas partes — a partida e o retorno. Nesse sentido, — o autor já estabelece a relação intertextual ao se remeter às duas principais partes da narrativa bíblica. Essa divisão por si só não se relaciona diretamente com o texto bíblico, pois parte de uma leitura crítica e possível da parábola, já que na narrativa do texto sagrado os dois episódios principais — partida e retorno — marcam o início e o final da períclope.

Escrito em primeira pessoa, o romance revela, de forma poética, a angústia de André, protagonista e narrador. Ambientado em uma fazenda, na zona rural, o livro narra a história de André, de seu amor incestuoso pela irmã, do pai autoritário e religioso, da mãe, sem poder e com amor desmedido pelo filho, e dos irmãos, os quais parecem se assujeitarem às regras do pai sem nenhuma obstinação.

Assim como na parábola bíblica — que narra a história do filho pródigo —, André deixa a casa do pai e decide viver longe da família. Ele sofre com a rejeição da mulher amada, que é sua irmã, Ana. Depois do ato de amor incestuoso, Ana emudece e não

---

<sup>3</sup> Os elementos paratextuais podem ser título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, prólogos, notas, epígrafes, ilustrações, capa, sobrecapa. O texto em si mantém uma relação com esses elementos e, a partir deles, pode estabelecer sentidos (Kristeva, 2012, p. 141).

corresponde ao amor de André, que decide ir embora de casa. Contudo, de acordo com o protagonista, ele fugiu não apenas da rejeição de Ana, mas também por sentir-se prisioneiro do pai autoritário. Isso pode ser observado nesse trecho do livro:

[...] você verá então que esses lençóis, até eles, como tudo em nossa casa, até esses panos tão bem lavados, alvos e dobrados, tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele, Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família, mas era assim que ele os começava sempre, era essa a sua palavra angular, era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças, essa a pedra que nos esfolava a cada instante, vinham daí as nossas surras e as nossas marcas no corpo, veja, Pedro, veja nos meus braços, mas era ele também, era ele que dizia provavelmente sem saber o que estava dizendo e sem saber com certeza o uso que um de nós poderia fazer um dia (Nassar, 1989, p. 41).

A narrativa bíblica possui intencionalidade moralista, assim como o discurso de Iohána, pai de André. A partir da análise do texto bíblico, a parábola transmite reflexão e ensinamento religioso. Na obra, as falas do pai reproduzidas por André, seus sermões à mesa, também têm cunho moralista e religioso, e muitos sermões, inclusive, citam passagens bíblicas. O discurso do pai é para educar e lavrar (no sentido de semear) a lei nos filhos, prefigurando uma colheita imprevisível, tanto que André escapa a essa lei paterna.

No texto sagrado, o pai representa (no sentido simbólico) o único Deus reverenciado pelos judeus, “a parábola revela que Deus não viola nossa vontade” (Rodor, 2011, p. 73). Em *Lavoura Arcaica*, o pai é símbolo de uma lei arbitrária, da norma, do passado e do que precisa ser superado. Enquanto na narrativa bíblica o reencontro entre pai e filho revela a generosidade do pai e a contrição do filho, a obra de Nassar escancara o embate entre Iohána e o filho.

Ao voltar para casa, André está disposto a conversar e enfrentar o pai. Durante o diálogo à mesa (mesmo lugar onde o pai dividia o pão e os sermões), há dois discursos divergentes, como uma esgrima de discursos: de um lado, o pai conciliador, protetor das regras, das normas, das virtudes religiosas e conservador das tradições familiares; do outro, André, insubmisso, obstinado, submerso em seus desejos e paixões. André defende o discurso da liberdade e da paixão, e o pai defende seus sermões e normas.

Por fim, o pai da parábola recebe o filho com amor, comemora seu retorno, organiza uma festa e manda matar um novilho cevado para a celebração. Torna, assim, a reconciliação pública, para que todos da comunidade e seus servos aceitem o rebento novamente. Como está escrito no texto bíblico:

E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se (Bíblia, 2015, p. 1345).

Em *Lavoura Arcaica*, pai e filho discutem à mesa, há a preparação da festa em comemoração ao retorno de André. Durante a festa, o irmão mais velho revela ao pai o motivo pelo qual o filho havia ido embora, trazendo à baila o amor incestuoso de André. Em seguida, Iohána, que até então representa o equilíbrio e a paciência, tomado por fúria, invalida seus sermões e leis ao agir abruptamente contra a filha. Tragicamente o capítulo vinte e nove da obra é encerrado. André, narrador-personagem, descreve a cena no trecho a seguir:

[...] mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que se incendiava — essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sangüínea, resinosa, reinava drasticamente as nossas dores (pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!) (Nassar, 1989, p. 41).

Desse modo, a rigidez da lei representada pela austeridade da figura paterna sobrepuja a transgressão do filho. A paixão do pai por normas e princípios se coloca em um mesmo plano da paixão e do desejo incestuoso de André. Assim como o pai se submete ao desejo do cumprimento da autoridade a ponto de cometer filicídio, André está preso ao seu desejo de transgredir a lei a ponto de praticar incesto.

Logo, percebe-se a relação que há entre o discurso do pai e o discurso bíblico. A tragédia narrada no desfecho da obra sugere a incapacidade desses discursos em reprimir os desejos e as pulsões primitivas do sujeito, uma vez que ele próprio – o discurso do pai que também pode ser o discurso religioso – é “ferido nos seus preceitos [...] possuído de cólera divina [...] era a lei que se incendiava” (Nassar, 1989, p. 41).

Após esta exposição inicial e diante do trajeto percorrido na narrativa, recorre-se ao estudo da construção da estrutura psíquica da personagem do pai, visto que Iohána exerce influência principal sobre o narrador-personagem — ainda que este não o tenha como lei operante — e executa a última ação da narrativa. Temos presente que o diálogo entre psicanálise e literatura não aponta para uma verdade última e acabada, mas nos faz

atravessar horizontes e aponta algumas construções. O que motivou a escrita deste texto foi a premissa freudiana que, aonde quer que a psicanálise chegue, o poeta outrora esteve.

## **A NEUROSE OBSESSIVA EM *LAVOURA ARCAICA***

De acordo com estudos da psicanálise (Roudinesco; Plon, 1998; Delorenzo, 2007; Dor, 1991a; Melman, 1999), a neurose obsessiva constitui-se como uma estrutura psíquica do sujeito. Trata-se da forma como ele age, raciocina e se comporta diante da vida e da cultura. Essa estrutura possui traços próprios que a diferenciam das demais estruturas clínicas tripartidas em neurose, perversão e psicose.

Sobre tal tripartição, os autores Marco Antonio C. Jorge e Nadiá P. Ferreira (2005) explicam que os estudos de Sigmund Freud oferecem “todos os indícios de que na clínica se trata de uma tripartição estrutural [...] Mas sem dúvida é Lacan quem insiste nessa via, visando evitar o engodo inerente à abordagem puramente fenomenológica” (Jorge; Ferreira, 2005, p. 24).

Antes de adentrarmos no estudo sobre a neurose, é necessário esclarecer que essa estrutura clínica está tripartida em neurose obsessiva, histeria e fobia. Na primeira e na última, os sintomas provocam adoecimento do pensamento, isto é, permanece no domínio psíquico. Na fobia, a angústia se associa a uma representação, e na obsessão uma representação (pensamento) é imposta ao sujeito. Já na histeria há o adoecimento do corpo, ou seja, a existência de sintomas físicos.

Para Jorge e Ferreira (2005, p. 71), “a neurose obsessiva é um labirinto de palavras desafetadas, onde o sujeito não só não se representa, mas também se esconde. A histeria é um corpo que fala e, justamente por isso, nele são gravados os significantes que, por estarem amordaçados, ficam expulsos da fala”.

Os neuróticos obsessivos, antes dos estudos de Freud, eram considerados psicóticos<sup>4</sup> e estigmatizados pela sociedade. Tal fato se dava porque, no adoecimento grave dessa personalidade, encontravam-se sintomas semelhantes aos da esquizofrenia. Contudo, há muitas diferenças entre eles, uma vez que os neuróticos obsessivos não perdem a noção da realidade.

---

<sup>4</sup> De acordo com Freud (2007, p. 129), no artigo intitulado *A perda da realidade na neurose e psicose*, publicado em 1924, uma diferença importante entre elas é que na neurose o sujeito recobre a realidade com a fantasia, ajustando-a ao seu desejo. Já a psicose modifica a realidade que o incomoda através de delírio e alucinações. Dessa forma, entende-se que, na neurose, o ego depende da realidade e reprime o *id* (os desejos primitivos), ao passo que, na psicose, o ego se torna servo do *id*.

Por exemplo, um dos mais conhecidos casos clínicos de Freud sobre a neurose obsessiva é o do homem dos ratos,<sup>5</sup> em que o médico trata um homem cujos pensamentos obsessivos o assaltavam e perturbavam fortemente. Apesar de tais pensamentos provocarem desequilíbrio e adoecimento, o homem dos ratos sabia que o conteúdo dos pensamentos não era da ordem do real.

Juntamente a esse caso clínico, outros dois textos freudianos — *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907) e *Totem e tabu* (1913) — conduzem à compreensão de alguns sintomas nucleares da neurose obsessiva. O primeiro foi publicado antes do caso do “homem dos ratos”, e o segundo, depois. Independentemente das publicações, ambos viabilizaram o entendimento e a definição da neurose obsessiva quanto estrutura. Em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), Freud observou e relacionou os rituais religiosos e os atos obsessivos, destacando as semelhanças entre os dois. Em *Totem e tabu* (1913), estudou a relação do sujeito neurótico obsessivo com a lei paterna.

Uma das principais características que diferencia as estruturas psicanalíticas consiste na relação entre o sujeito e o complexo de Édipo. Ao contrário dos perversos, por exemplo, o neurótico obsessivo reconhece a lei e sente satisfação em obedecê-la. Se por algum motivo transgredi-la, sofrerá com a angústia da culpa. A lei interiorizada é nomeada de superego.<sup>6</sup> De acordo com Cesarotto e Leite (2010, p. 76), “a sujeição à lei se estabelece dentro do organograma edipiano, em que a função paterna — que mais tarde Lacan chamaria de nome-do-pai — é a condição que representa essa Lei. Sua ação se dá no íntimo do drama psíquico de cada sujeito”.

Segundo Dor (1991a, p. 107), o “obsessivo aparenta continuamente um grande rigor moral. Sua adesão incondicional para com as regras e as leis é brandida de maneira ostentatória. Com facilidade, ele se faz defensor das virtudes e do bem fundamentado das normas estabelecidas”. Em outros termos, raramente questiona os valores preestabelecidos e acordados em uma sociedade, antes faz o movimento inverso tornando-se guardião e refém do olhar do outro. Para o psicanalista Charles Melman

---

<sup>5</sup> Ernst Lanzer (1878-1914), caso do homem dos ratos. A análise durou cerca de nove meses, de outubro de 1907 a julho de 1908. Freud apresentou o caso no primeiro congresso da International Psychoanalytical Association (IPA), em Salzburgo, em 26 de abril de 1908, em um relatório verbal de cinco horas (Roudinesco; Plon, 1998, p. 333).

<sup>6</sup> Instância responsável por “controlar”, reprimir o *id* (as pulsões e instintos primitivos). Compõe as três instâncias funcionais da personalidade observadas por Freud – *id*, *ego* e *superego*. O *superego* constitui-se dos valores da sociedade, das regras de conduta e da moralidade. Ver texto freudiano *O ego e o id*, de 1923.

(2004, p. 14) o obsessivo “é alguém que [...] quer assegurar o domínio de si mesmo; ele é partidário da discrição; ele é cheio de pudores; tem escrúpulos morais; não quer nunca ferir o outro; com frequência ele é culto”.

Outro elemento certamente significativo para a abordagem da lógica obsessiva é o sujeito neurótico obsessivo se sentir muito amado e desejado pela mãe, sendo geralmente o filho preferido ou privilegiado pelo desejo materno. Contudo, a mãe conduz o sujeito à submissão da lei paterna, diferentemente do que acontece na estruturação do perverso. Conforme Dor (1991b, p. 99):

A criança é confrontada com a lei do pai, mas mantém-se também subjugada pela mensagem de insatisfação materna. Neste ponto, uma precisão merece ser dada: a mãe não aparece, aos olhos da criança, como radicalmente insatisfeita. No máximo, trata-se de uma *vacância parcial* desta satisfação, a partir da qual a mãe vai tentar uma suplência, buscando um *complemento* possível junto à criança. E neste sentido, e apenas neste sentido, que o obsessivo é objeto de um investimento particular que lhe dá a convicção de ter sido a *criança preferida, privilegiada*. Mas, repito, o privilégio nunca passa de suplência à satisfação falha do desejo materno. Se a criança é logicamente levada à lei do pai pela referência do discurso materno que aí inscreve o seu desejo, essa suplência não deixa de constituir um apelo de oferecimento para uma persistência da identificação fálica.

De acordo com o trecho anterior, a estruturação da neurose obsessiva, assim como a das outras estruturas, tem os primeiros traços de formação marcados ainda na primeira infância. Tal elucidação é feita nos estudos sobre o complexo de Édipo. Esse processo é um jogo de relações no qual a criança está inserida desde o nascimento. Ela se relacionará com duas variantes principais: a função paterna — que é a lei e o operador da castração; e a função materna operante do amparo — que é o sentir-se desejado. A depender do modo como essa interação acontece no ambiente familiar, a neurose obsessiva será uma das combinações possíveis que estrutura a personalidade do sujeito. De acordo com Silva (2008, p. 36), a personalidade é uma forma de raciocinar.

Ao estudar a neurose obsessiva, a psicanálise lançou luz sobre o mundo religioso. De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 539), entre os anos de 1907 e 1926, os estudos freudianos sobre a neurose obsessiva foram expandidos, principalmente quando o psicanalista sistematizou alguns resultados obtidos no caso clínico do homem dos ratos. Entre suas observações e estudos contínuos, Freud percebeu traços importantes da estrutura neurótica também existentes nas práticas religiosas. Daí em diante, ao constatar a aproximação entre o cerimonial da obsessão e a religião, ele passou a apresentar a

neurose com uma religião individual e a religião como uma obsessão universal. Acerca da relação entre obsessões e rituais religiosos, Freud (2006, p. 66) explica:

[...] essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (*insight*) da origem do cerimonial neurótico pode, por analogia, estimular-nos a estabelecer inferências sobre os processos psicológicos da vida religiosa. [...] As pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial, que comumente se denomina de 'neurose obsessiva'.

Nesse viés, dentro da estrutura da neurose obsessiva, o sintoma surge como forma de substituir um desejo do *id* (Freud, 1996, p. 95). Esses sintomas podem ser manifestos de formas ritualísticas. Com efeito, eles assemelham-se aos rituais religiosos. Logo, por serem mecanismo de substituição de um desejo recalcado, os obsessivos esforçam-se para executar tais manifestações sintomáticas metodicamente, ainda que isso lhes demande sacrifício (proibições, restrições ou compulsões) e desperdício de tempo. Por exemplo, descer e subir as escadas do condomínio inúmeras vezes para ter certeza de que desligou as lâmpadas e o ar-condicionado. Apesar de serem comportamentos corriqueiros, quando sistematizados em um quadro sintomático, tornam-se imperiosos sobre o sujeito. Segundo Freud:

O próprio paciente não as julga diversamente, *mas é incapaz de renunciar a elas, pois a qualquer afastamento do cerimonial manifesta-se uma intolerável ansiedade*, que o obriga a retificar sua omissão. Tão triviais quanto os próprios atos cerimoniais são as ocasiões e as atividades ornamentadas, complicadas e sempre prolongadas pelo cerimonial - por exemplo, vestir e despir-se, o ato de deitar-se ou de satisfazer as necessidades fisiológicas. O cerimonial é sempre executado como se tivesse de obedecer a certas leis tácitas (Freud, 2006, p. 66-67, grifos nossos).

Um exemplo de tal cerimonial é o ato de dormir. Para alguns, pode ser simplesmente deitar-se, fechar os olhos e perder paulatinamente a consciência até cair em sono profundo, sem nenhuma preparação específica para executar a ação. Para um sujeito neurótico obsessivo, o mesmo ato pode ser carregado de especificidades furtivas, as quais mobilizam certa abundância de energia e, em contrapartida, provoca o empobrecimento de energia em outras atividades.

Entre essas especificidades podemos ter a posição dos travesseiros e do colchão, as cores dos lençóis, determinada ordem do que fazer antes de deitar, como copo de água, tapete, chinelo e, por fim, a posição estabelecida pelo corpo ao deitar. É preciso que tudo seja muito bem determinado para que o sujeito consiga dormir. Mais uma vez, podemos

pensar que são atos comuns, dispensáveis e justificáveis. Contudo, no tocante à neurose obsessiva, Freud (2006, p. 67) observou que “é a especial consciência que cerca sua execução e a ansiedade que surge com qualquer falha que lhe dão o caráter do ‘ato sagrado’. Em geral se suporta mal qualquer interrupção no cerimonial [...]”.

Nessa perspectiva, para o psicanalista são perceptíveis as convergências estabelecidas entre os cerimoniais neuróticos e os atos ritualísticos da religião. Freud explica que o encontro se dá “nos escrúpulos de consciência que a negligência dos mesmos acarreta, na completa exclusão de todos os outros atos (revelada na proibição de interrupções) e na extrema consciência com que são executados em todas as minúcias” (Freud, 2006, p. 67).

Ele também percebeu que, olhando de forma superficial, os rituais religiosos estão carregados de significados e simbolismo, enquanto os atos obsessivos pareciam destituídos de sentido. No entanto, a partir de uma investigação psicanalítica, Freud explica que “os detalhes dos atos decisivos possuem um sentido, que servem a importantes interesses da personalidade, e que expressam experiências ainda atuantes e pensamentos catexizados com afeto [...]” (Freud, 2006, p. 68).

Logo, entende-se que tais atos são, sim, constituídos de sentido — ainda que o sujeito não tenha a consciência — e podem contribuir para desvendar/acessar o inconsciente do sujeito. Lembra-se que, dentro da estrutura obsessiva, o sintoma surge como forma de substituir um desejo do *id* (Freud, 1996, p. 95). Entre os mais recorrentes sintomas da neurose obsessiva há prazer e desprazer, sentimento de culpa, autocensura ou recriminação, dúvida, incerteza, superstição e práticas religiosas, resistência, vergonha.

Nesse sentido, Freud aproxima o sujeito obsessivo que pratica seus atos ritualísticos daquele que participa de práticas religiosas sem compreender o significado. Ele afirma que, “Para os crentes, entretanto, os motivos que os impelem às práticas religiosas são desconhecidos ou estão representados na consciência por outros que são desenvolvidos em seu lugar” (Freud, 2006, p. 69). Continuando seus estudos e observações clínicas, o estudioso observou que:

[...] aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos [...] Além disso, acarreta um furtivo sentimento de ansiedade expectante, uma expectativa de infortúnio ligada, através da ideia de punição, à percepção interna da tentação. Quando o cerimonial é formado, o paciente ainda tem consciência de que deve fazer isso

ou aquilo para evitar algum mal, e em geral a natureza desse mal que é esperado ainda é conhecida de sua consciência. Contudo, o que já está oculto dele é a conexão - sempre demonstrável - entre a ocasião em que essa ansiedade expectante surge e o perigo que ela provoca. Assim o cerimonial surge com um ato de defesa ou de segurança, uma medida protetora (Freud, 2006, p. 70).

Com essa elucidação, percebeu-se novamente a relação entre a defesa dos obsessivos e a defesa dos religiosos, uma vez que, para o teórico, “o sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos corresponde à convicção dos indivíduos piedosos de serem, no íntimo, apenas miseráveis pecadores” (Freud, 2006, p. 70). Ele também considera o sentimento de culpa originado pela vontade contínua e a ansiedade expectante do temor da punição divina comuns há mais tempo no campo da religião do que no da neurose (Freud, 2006, p. 71). Logo, a partir desses elementos relacionais entre as práticas obsessivas e as religiosas, Freud concluiu:

Diante desses paralelos e analogias podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. A semelhança fundamental residiria na renúncia implícita à ativação dos instintos constitucionalmente presentes [...] (Freud, 2006, p. 71).

Em *Inibição, sintoma e angústia*, o psicanalista explica que “os sistemas que o neurótico obsessivo constrói lisonjeiam seu amor próprio, fazendo-se sentir que ele é melhor que outras pessoas, porque é especialmente limpo ou especialmente consciencioso” (Freud, 1996, p. 102). O obsessivo pensa que é o rei da casa, mas geralmente é sabotado, pois impõe sua lei severamente, não despertando no outro o desejo para tal observância. Sobre ser o dominador dos objetos e sujeitos, Joël Dor (1991a, p. 105) comenta:

O obsessivo *não pode perder*. Esta negociação psíquica, totalmente intolerável, ressoa de maneira bem invasora em todos os níveis da vida cotidiana. Do mesmo modo que o obsessivo apresenta uma disposição favorável a se constituir como *tudo para o outro*, deve despoticamente *tudo controlar e tudo dominar*; para que o outro não lhe escape de maneira nenhuma, isto é, para que ele *não perca nada*. A perda de alguma coisa do objeto só pode, com efeito, remetê-lo à castração, ou seja, para o obsessivo, a uma *falha em sua imagem narcísica*.

Por meio do estudo dos postulados psicanalíticos, observamos em Iohána, personagem do pai na obra *Lavoura Arcaica*, traços estruturais da neurose obsessiva. Ele é um pai que tem como lida semear a lei e os deveres nos filhos, sempre convicto da certeza de que os bons costumes e a obediência às leis devem ser seguidos a todo e a

qualquer custo, inclusive com o sacrifício. Ele mantém firmeza e autoridade sobre toda a família e detém o discurso e o domínio sobre todos na casa, traço bastante observado na estrutura psíquica, como lemos no trecho anterior.

Iohána mantém e detém o poder e a autoridade junto aos filhos e a mulher, que, na obra, não tem espaço nem voz. Quando ela aparece no enredo, está sempre relacionada ao filho André, que descreve a relação amorosa que possui com a mãe desde a tenra infância. Na tentativa obstinada de Iohána em manter a ordem e fazer de si a própria lei aos filhos, André lhe escapa ao domínio.

Outro aspecto importante é o obsessivo poder se apoderar do discurso religioso para conservar a lei. Esse elemento também é notado na narrativa quando Iohána faz de seus sermões a principal arma para inculcar os próprios ensinamentos aos filhos. Vale destacar que tais normatizações foram legitimadas por outros que o antecederam, porém ele é depositário legal delas. Dessa forma, o pai usa em seus discursos e sermões ensinamentos de natureza bíblica:

[...] o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado; e nenhum entre nós há de transgredir esta divisa, nenhum entre nós há de estender sobre ela sequer a vista, nenhum entre nós há de cair jamais na fervura desta caldeira insana [...] erguer uma cerca ou guardar simplesmente o corpo, são esses os artificios que devemos usar para impedir que as trevas de um lado invadam e contaminem a luz do outro (Nassar, 1989, p. 54).

Nesse trecho, as cercas poderiam representar a proteção às paixões e aos desejos primitivos, simbolizando a lei, o limite. Quando sintomatizada, essa proteção pode se manifestar também em atos obsessivos. Entre eles, pode-se ser observado em Iohána os rituais realizados à mesa com a família: os lugares definidos pelo pai ao organizar os filhos e esposa à mesa, a repetição incessante dos sermões, além da obsessão pelo trabalho e pela manutenção da ordem e da união da família.

O pai vive para impor incansavelmente tal lei que o protege dos próprios desejos, depositando nisso o sentido de sua existência. E, nesse tecido de representações, André seria o alicate que destrói a cerca e tira o controle que o pai imaginava ter. Ainda no fragmento apresentado, podemos perceber a possível representação do consciente e do inconsciente. A cerca serviria para impedir que as trevas — o inconsciente — invadissem

e pervertessem a luz — o consciente. É na luta para manter o inconsciente distante da consciência que surge o sintoma como forma de proteção do desejo.

Nesse sentido, segundo Dor (1991a), “A pregnância da Lei, e a necessidade de a ela se referir para escapar à culpa pelos ímpetos libidinais inconscientes, arrasta inevitavelmente o obsessivo a uma situação de conflito” (Dor, 1991a, p. 107). Sobre a luta constante do neurótico obsessivo, o autor também assinala que “quanto mais o obsessivo se faz o defensor da legalidade, mais ele luta, sem o saber, contra seu desejo de transgressão” (1991a, p. 44).

Vale evidenciar a marca do pai no filho obsessivo: trata-se de um pai que opera a interdição e a normatização. Intencionalmente ou não, o texto literário também narra a figura do avô de André, o pai de Iohána. O narrador o descreve da seguinte maneira:

(Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai — em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote toco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: ‘Maktub’.) (Nassar, 1989, p. 89).

É o avô que, enquanto pai, sem afeto e sensibilidade, ensina ao filho as normas e as tradições da sociedade. Dessa maneira, observa-se que a lei do pai foi introjetada no filho Iohána, que, por sua vez, se vale de artifícios discursivos para implantar a lei nos descendentes dele. Sobre a lei do pai, Dor (1991b, p. 105) destaca que ela subsiste no psiquismo do obsessivo, prova disso é que sentir culpa é recorrente na estrutura.

Para o autor, “é esta ambivalência alimentada entre a nostalgia fálica e a perda implicada pela castração que inscreve o obsessivo numa *posição estruturalmente específica com relação ao pai*” (Dor, 1991b, p. 105, grifos do autor). O pai e senhor jamais poderá ser ultrapassado. Estará sempre ali, no lugar que deve estar metaforicamente exercendo sua interdição de lei, como podemos perceber neste trecho em que o narrador reproduz um discurso de Iohána:

[...] e, nesta mesa, na cadeira vazia da outra cabeceira, está o exemplo: é na memória do avô que dormem nossas raízes, no ancião que se alimentava de água e sal para nos prover de um verbo limpo, no ancião cujo asseio mineral do pensamento não se perturbava nunca com as convulsões da natureza; nenhum entre nós há de apagar da memória a formosa senilidade dos seus traços; nenhum entre nós há de apagar da memória sua descarnada discrição ao ruminar o tempo em suas andanças pela casa [...] (Nassar, 1989, p. 58).

Para a psicanalista Rubia Delorenzo (2007, p. 124), na estrutura neurótica obsessiva o sujeito procura “dar força imaginária ao pai, instituindo sua presença viva, feroz, inibidora”. Lemos, no trecho apresentado, que, mesmo após a morte do avô, o assento da cabeceira da mesa que o antepassado ocupava permaneceu preservado sem substituto. Assim como a lei do avô operou em Iohána, que a reproduz em sua conduta e ensinamentos, Pedro, o filho mais velho, já é identificado pelo irmão André como uma versão fidedigna de seu pai. Isto é, Pedro será o próximo a reproduzir o discurso considerado ultrapassado pelo narrador-personagem.

Em seus estudos, o psicanalista Jacques Lacan (2005, p. 73) percebeu a figura do pai (no complexo de Édipo) como uma função. Não se trata aqui, é claro, da figura paterna enquanto “presença de um pai físico (progenitor)”, mas qualquer forma de lei operante no complexo de Édipo — denominando-o, assim, de pai simbólico, o qual opera a inscrição da lei no sujeito. Para Dor (1991b, p. 16), o pai simbólico é apenas um “depositário legal de uma lei que lhe vem de outro lugar”. Dessa forma, observamos em Iohána a corporificação dessa função do pai simbólico ao introjetar a lei nos filhos (lavrar a semente), ao passo que o compreendemos como o resultado de um processo de introjeção do qual se estruturou enquanto sujeito (fruto da lavoura do pai).

Ainda sobre a relação do neurótico obsessivo e a figura paterna, Charles Melman (1999, p. 55) explica que “é verdade que certos obsessivos dão completamente a impressão de serem psicóticos — ao passo que não o são, porque o Nome-do-Pai é neles o que devidamente funcionou, e talvez mesmo, se posso dizer, um pouco demais!”. A mesma relação é observada no trecho supracitado, visto que Iohána não consegue jamais superar a lei do pai, ainda que ele esteja morto.

Quando André retorna a casa, para aplacar o discurso do pai — vale destacar que esse discurso não é tão somente do pai como sujeito e personagem, mas pertencente a uma cultura —, ele o enfrenta. André inaugura uma discussão de ideias que questiona a autoridade e os ensinamentos do ancião. Contudo, o pai permanece firme em suas crenças e o repreende:

— Cale-se! Não vem desta fonte a nossa água, não vem destas trevas a nossa luz, não é a tua palavra soberba que vai demolir agora o que levou milênios para se construir; ninguém em nossa casa há de falar com presumida profundidade, mudando o lugar das palavras, embaralhando as ideias, desintegrando as coisas numa poeira, pois aqueles que abrem demais os olhos acabam só por ficar com a própria cegueira [...] por isso, dobre a tua língua, eu já disse, nenhuma sabedoria devassa há de contaminar os modos da família!

Não foi o amor, como eu pensava, mas o orgulho, o desprezo e o egoísmo que te trouxeram de volta à casa! (Nassar, 1989, p. 167).

Na citação, nota-se o que Dor (1991a, p. 108) comenta sobre os obsessivos: “[...] é um escrutador espantoso, um prodigioso observador da ordem das coisas e do mundo, inclusive de si próprio, já que se objetiva abstratamente da ambiência exterior que o cerca”. Iohána possui esse traço, principalmente em relação à terra, ao tempo, à paciência e às virtudes. Como podemos ler a seguir:

[...] o olhar calmo sobre as horas; cultivada com zelo pelos nossos ancestrais, a paciência há de ser a primeira lei desta casa, a viga austera que faz o suporte das nossas adversidades e o suporte das nossas esperas, por isso é que digo que não há lugar para a blasfêmia em nossa casa [...] e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos [...] E o pai à cabeceira [...] o pescoço sólido sustentando uma cabeça grave, e as mãos de dorso largo prendendo firmes a quina da mesa como se prendessem a barra de um púlpito (Nassar, 1989, p. 58-61).

No final, o surto do pai pode ser iluminado com a diferenciação estabelecida por Freud entre o obsessivo e o psicótico, comentada anteriormente. O pai age motivado pela ira, pela obsessão da lei, age como superior moralmente, como legislador e juiz. Um sujeito neurótico obsessivo, em um ambiente religioso, pode acreditar ter agido justificadamente. O neurótico obsessivo é refém do superego, da honra, dos vizinhos, do olhar do outro. Vive rendido ao superego, à cultura, à moral, à religião. A esse respeito, Roudinesco e Plon (1998) comentam:

Em 1926, em Inibições, sintomas e angústia, essa teoria foi reformulada à luz da segunda tópica e da noção de pulsão de morte. O desencadeador da neurose obsessiva foi então caracterizado como sendo o medo que o eu tem de ser punido pelo supereu. Enquanto o supereu age sobre o eu à maneira de um juiz severo e rígido, o eu é obrigado a resistir às pulsões destrutivas do isso, desenvolvendo formações reativas que assumem a forma de sentimentos de escrúpulo, ou a de piedade, limpeza e culpa. Por isso, o sujeito é mergulhado num verdadeiro inferno do qual nunca consegue escapar (Roudinesco; Plon, 1998, p. 540).

Na cultura bíblica (Deuteronômio 21:15), há punição de morte para a mulher que comete fornicação. Ao levantar o alfanje, como ato simbólico, ele executa a lei, a ordem. Nesse momento, o pai se coloca na posição daquele que foi traído. Ana se identifica como sua mulher que o traiu e feriu a honra dele. Diante do incesto, ele não mata André, e sim

a mulher, pois o desejo incestuoso existe também no pai, mas é da ordem do inconsciente, isto é, fora recalcado. Na neurose obsessiva, “a força motora da defesa é o complexo de castração, e que o que está sendo desviado são as tendências do complexo edipiano” (Freud, 1996, p. 116). Já em André o desejo incestuoso está descoberto pelo mecanismo próprio da perversão: desmentido.<sup>7</sup>

Percebe-se, então, que, a depender do quadro sintomático, na neurose obsessiva a lei cega tanto quanto o desejo. O obsessivo imita o perverso a fim de poder agir cruelmente para dominar seu objeto. Sobre a crueldade como traço inerente à estrutura neurose obsessiva, Delorenzo (2007, p. 77) considera que “se o obsessivo teme a onipotência de seu pensamento, é talvez porque experimente, porque pressinta que a matéria do desejo inconsciente é para ele, fundamentalmente, crueldade, crime, perigosa transgressão”.

Contudo, essa agressividade do sujeito não é limitada a uma passagem ao ato ou ao seu constante autocontrole, uma vez que, se se exige dele a edificação de uma muralha fortificada contra seus desejos, é porque reconhece que está no limiar da barreira. Logo, pressentindo perder o controle, agarra-se à posição de domínio, fazendo-se, assim, senhor do outro, o que inclui atos cruéis de dominação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, percorremos uma discussão sobre *Lavoura Arcaica*, para compreender o personagem Iohána sob a perspectiva da neurose obsessiva. Para tanto, investigamos a obra e a personagem a partir da teoria psicanalítica cunhada por Freud e, posteriormente, estudada por outros psicanalistas, como Jacques Lacan e Joël Dor. Eles foram os principais pensadores a embasar o estudo da neurose obsessiva e outros postulados psicanalíticos pertinentes a esta investigação.

Não queremos aqui estabelecer a psicanálise como um mero instrumento interpretativo do texto literário e, tampouco, fazer da literatura uma manifestação do inconsciente que precisa ser interpretada. O diálogo entre literatura e psicanálise é a troca

---

<sup>7</sup> Cada estrutura apresenta seu mecanismo operador; enquanto a neurose tem o recalque e a psicose tem a forclusão, a perversão apresenta o desmentido (renegação). Dessa forma, o neurótico recalca as exigências do id, o psicótico nega a realidade externa para reconstruir uma realidade alucinatória, e a respeito do perverso Freud “definiu a renegação como um mecanismo perverso através do qual o sujeito faz com que coexistam duas realidades contraditórias: a recusa e o reconhecimento da ausência do pênis na mulher” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 656).

recíproca entre dois mundos, duas perspectivas que se confrontam e se reconhecem uma na outra. Um ponto de encontro que transforma e agrega.

Acerca desse diálogo, Adélia Bezerra de Meneses (2004, p. 109) comenta que a relação entre ambas poderá situar-se em níveis distintos, “desde a utilização da Palavra como matéria-prima comum, até a refinada fórmula lacaniana do ‘inconsciente estruturado enquanto linguagem’, passando pelo substrato comum a sonhos, mitos, lendas, lapsos, epopeia, romance, poema — a emersão do inconsciente. Nesse sentido, a linguagem atua como local onde ocorre a troca de saberes e manifestações do inconsciente humano.

Para o teórico Jean Bellemin-Noël (1983, p. 19),

Compete-nos assinalar que ler com os óculos de Freud é ler numa obra literária – como atividade de um ser humano e como resultado desta atividade – aquilo que ela diz sem o revelar, porque o ignora; ler o que ela cala através do que mostra e porque o mostra por este discurso mais do que por um outro. Nada é gratuito, tudo é significante; e o que acena para Freud, são os rebentos do inconsciente.

Dessa forma, a análise da obra por meio de conceitos psicanalíticos agrega compreensões abrangentes e não redutoras, ou seja, explora, assim como outros estudos, mais um intento de perceber o texto literário. Não há o objetivo de se tornar a única e absoluta leitura da obra nem considerar o enigma da narrativa um caso resolvido.

Em *Lavoura Arcaica*, o personagem Iohána é elementar para a construção do enredo e do discurso do narrador-personagem que, em diversos momentos, reproduz (no sentido de repetição) os sermões e os discurso do pai, visto que Iohána exerce influência principal sobre o protagonista — ainda que este não o tenha como lei operante — e executa a última ação da narrativa. Logo, entendemos que, diante da densidade da narrativa, o estudo do processo de estruturação psíquica da personagem é imprescindível para a análise proposta nesta pesquisa e contribui para a fortuna crítica do autor e da obra.

Com base no estudo da neurose obsessiva e seus rituais, percebe-se o desvelamento dos seus traços estruturais em Iohána. apresenta-se com características sintomáticas da neurose obsessiva e como um pai que carrega sobre si a obrigação de semear leis e deveres nos filhos, sempre convicto da certeza de que os bons costumes e a obediência às regras devem ser seguidos a todo e a qualquer custo, inclusive com o sacrifício. Ele mantém firmeza e autoridade sobre toda a família, e detém o discurso e o domínio sobre todos na casa. Observamos também outra característica marcante da estrutura em Iohána: o apoderamento do discurso religioso para a conservação da lei.

Iohána constrói meticulosamente sua fortaleza, sua cerca de defesa contra os próprios desejos mais perversos, de modo que procura a mais dura rigidez de seus muros para que brechas do inconsciente não invadam sua ordem e norma social. Contudo, os desejos dele ressurgem e voltam a se evidenciar nos cerimoniais, nos mandamentos retesados e austeros. Dessa maneira, impõe aos filhos a mesma construção e a manutenção do alicerce no qual estão suas raízes. Ele se institui o sacerdote da família e exegeta das narrativas bíblicas, a quem se deve irrestrita obediência. Para Iohána, o sermão à mesa é a principal forma de ensinar, introjetar e executar a lei.

Desse modo, o pai exerce influência exponencial sobre a construção de toda a estrutura da família, inclusive de seus sintomas — estrutura que não é apenas da ordem de um sujeito, mas também construída socialmente pela cultura (superego). Dentro da narrativa, André é a representação radical da possibilidade de romper essa reverberação da palavra arcaica, do discurso religioso e patriarcal insuficientes diante da demanda humana, ao passo que o pai é o polo mais radical e extremo da lei e de sua conservação. É interessante também notar que Pedro está a serviço do domínio do pai, centrado na razão, na ordem, na religião e na moral, ao passo que Ana e Lula estão no caminho da desordem do qual André é precursor.

No tocante à linguagem, a obra literária explora os sentidos e o fluxo de consciência ocasionado pelo retorno ao passado. A narrativa é marcada fortemente pela descrição dos acontecimentos e do ambiente, principalmente da natureza, que parece estar intimamente ligada às sensações e aos sentimentos do narrador, André. Tal característica permite ao leitor experimentar as sensações do narrador. A relação intensa com a natureza, com a terra para a qual André sempre volta e de onde se sente pertencente pode remeter ao retorno ao primitivo. A transgressão do protagonista põe em xeque o estado natureza versus cultura, visto que o incesto destrói a lei da civilização e remonta ao estado da natureza.

Notamos, então, que a elaboração escrita e a exploração da linguagem operam de modo que a obra parece ser aformoseada de romance, permeada de poesia e fraturada pela memória. Essa linguagem poética permite transparecer um *eu* com interioridade conflituosa e angustiada, gerando um fio narrativo que se dá pela lógica interna do narrador.

Portanto, ao analisar *Lavoura Arcaica*, percebemos que, do diálogo entre psicanálise e o texto literário, a análise da narrativa é ampliada, dado que a teoria psicanalítica enriquece a análise e lança luz sobre ficção em estudo, sem provocar o

apagamento das nuances e das representações do texto literário. Este, por sua vez, insurge para abarcar a perplexidade humana, por meio da ficção, da representação, para lidar com o real.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Eugênia Adamy. *Sobre avessos e demônios: discurso e perversão em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar*. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1983.

BÍBLIA, N. T. Evangelho Segundo Lucas. In: BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 1344-1345.

CESAROTTO, Oscar. Lacan criminalista. In: CESAROTTO, Oscar; LEITE, Márcio Peter de Souza. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 2010. p. 69-77.

DELORENZO, Rubia. *Neurose obsessiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Timbre Editores, 1991a.

DOR, Joël. *O pai e sua função em psicanálise*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1991b.

FRANÇA, Maria Elisa. A neurose obsessiva e as obras primas únicas. *Revista EnsiQlopédia*, Osório, v. 13, n. 1, out, p. 02-28, 2016.

FREUD, Sigmund. As pulsões e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.14. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2016.

FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e prática religiosa (1907) In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 66-72.

FREUD, Sigmund. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, Sigmund. *Um estudo autobiográfico* (1924). ESB, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 91-152.

FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (o homem dos ratos). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Freud*, v. 9. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O Homem da Areia; tradução Romero Freitas]. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KRISTEVA, Julia. O texto fechado. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 109-138.

KRISTEVA, Julia. Por uma Semiologia dos Paragramas. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. 3.ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 169-202.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MELMAN, Charles. A racionalidade como sintoma. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 17, p. 52-62, 1999.

MELMAN, Charles. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Campo de Freud, 2004.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

MOURA, Ana Cecília Oliveira. *A semente do desatino: o germe da transgressão em Lavoura Arcaica*. 2017. 103p. Dissertação (Mestrado em Literatura, cultura e contemporaneidade) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3.ed. rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NEUROSE obsessiva. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 538-540.

PINTO, Sabrina Seldmayer. *Ao lado esquerdo do pai: os lugares do sujeito em Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. 1995. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras). — Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

RODOR, Amin A. O retrato de Deus. In: RODOR, Amin A. *O incomparável Jesus Cristo*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2011. p. 67-81.

SANTOS, Ana Beatriz Germano. *Lavoura Arcaica: interdito, transgressão e erotismo no corpo da linguagem*. 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras). — Programa de Estudos de Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

*A neurose obsessiva em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar:  
uma leitura da obra sob a luz da psicanálise*

SANTOS, Elijames Moraes dos. *Corpo, linguagem e transgressão em Lavoura Arcaica*. 2021. 264f. Tese (Doutorado em Letras). — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

SILVA, Ana Beatriz. *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Recebido em: 15/05/2024

Aceito em: 30/08/2024

**Luciana Talita Mágulas Pereira Rocha:** Professora efetiva da Rede Municipal de Educação de Teresina (PI), atualmente na função de gestora do Centro Municipal de Educação Amélia Beviláqua. Professora efetiva da Rede Municipal de Educação de Timon (MA), atuando no Ensino Fundamental Anos Finais (6 ao 9). Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional com Docência do Ensino Superior (FAEME). Pós Graduada em Psicologia da Família com Ênfase em Terapia Familiar e de Casal (FADBA). Estudante de psicanálise, curso de formação (Corpo Freudiano de Teresina). Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Piauí (PPGL/UESPI).

**José Wanderson Lima Torres:** É professor Adjunto III da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Clóvis Moura - Teresina. Possui Mestrado em Letras pela UFPI (2004-2005) e Doutorado em Estudos da Linguagem pela UFRN (2008-2012). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí - PPGL/UESPI, possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nas seguintes linhas: Teoria Literária (estudos da mimesis e do imaginário) e Literatura Comparada (literatura e cinema; diálogos entre as literaturas brasileira e hispano-americana; Jorge Luis Borges; literatura e religiosidade; literatura e mito).